



casadesarmento

centro de estudos do património

Núcleo de Documentação Abade de Tagilde | Casa de Sarmento | © Sociedade Martins Sarmento

Casa de Sarmento
Centro de Estudos do Património
Universidade do Minho

Largo Martins Sarmento, 51
4810-241 Guimarães
E-mail: casa.sarmento@csarmento.uminho.pt
URL: www.csarmento.uminho.pt

RECOLHIMENTO DO ARCANJO S. MIGUEL

(AS BEATAS DO CHAPÉU)

(Conclusão do n.º anterior)

LICENÇAS, REQUERIMENTOS, PAPÉIS...

LICENÇA DE ENTRADA NO RECOLHIMENTO

1762

Serenissimo Snr.

Dis Anna Maria, filha legitima de Luis Ribr.^o de Campos, e de Joanna Fran.^{ca} ja defuntos e assistente em casa de seu Thio o P.^e Bento Lopes Ribr.^o da Villa de Guim.^{es} q. dezejando a Sup.^{te} servir a Ds. se ajustou com a Madre Regente e mais deputadas do Recolhim.^{to} de S. Miguel da mesma Villa, p.^a entrar no d.^o Recolhim.^{to} dotandoce com oitenta mil rs. e as mais prepinas e gastos q. se fazem no d.^o Recolhim.^{to}, e porq. he a Sup.^e orfa e desamparada, e p.^a melhor servir a Ds. e se livrar das inclemencias do mundo, tem vocação de entrar no d.^o Recolhim.^{to}

P. a V. A. Sereniss.^a se digne fazer
| m.^{cc} e esmolla de conceder licença,

p.^a a | Sup.^{te} entrar no d.^o Reco-
lhim.^{to} mandando | a Madre Regente
e mais deputadas a re | colham que
ella rogará a Ds. pelo aum.^{to} | e
vida de V. A. S.

E. R. M.

A informar à Regente:

«Neste Recolhim.^{to} costuma dar cada hũa das Re-
colhidas q. quer nelle emtrar sem mil reis e de porpinas
a cada hũa das Recolhidas outo testons e a Regente e
Cappellão mil e dosentos reis e emq.^{to} a Capacidade
da supellicante emformandome achei ser digna do em-
prego q. portende e por ser conhecida de todas as
Recolhidas q. neste Recolhim.^{to} assiste lhe fizerão a es-
mola daseitarem por outenta mil reis e juntam.^{te} atendo
a ser Irmãa de outra q. assiste neste Recolhim.^{to} e ser
filha orfa e de Pais q. algum dia forão abastados de
bens He o q. posso emformar a V. A. S. q. manda-
ra o q. for servido

Magdalena do Sacram.^{to} Regente»

Dom Gaspar por merce de Deos e da Sancta Sé
App.^a Arcebispo, Snr. de Braga Primas das Hespanhas
etc.^a Pela przt.^e visto o que em sua pete.^{am} retro nos
reprezentou Anna M.^a f.^a lg.^a de Luis Rib.^{ro} de Cam-
pos e de Joanna Franc.^a ja def.^{os} da freg.^a de N. Sr.^a
da Ollivr.^a da V.^a de Guim.^{es} em que nos representa
o dezejo que tem de se recolher no Recolhim.^o de S.
Miguel da mesma V.^a e p.^a isso offerecer o dote, e
propinas, que declara, e visto outro sy a inform.^{cam}
da Regente do mesmo, e o mais que consideramos lhe
fazemos merce, conceder lic.^a p.^a que possa ser reco-
lhida em o dit.^o Recolhim.^o e dispois, que Recolhida
for, a Reg.^{te} lhe ajustará com todo o necessr.^o assim
como o fas ás mais recolhidas, admittindoa aos cargos,
e occupaçoens do mesmo Recolhim.^o comf.^e sua anti-
guid.^e e determinação de seus Estatutos, e pelo assim
havermos por bem lhe mandamos passar a prezt.^e que
dispois de por Nos ser assignd.^a se registará em o

regt.^o g.^{al} desta Corte, sem o que não valha. Dada em Braga sob nosso signal e sello de nossas armas, aos 28 de Junho de 1762

(a) D. Gaspar Arcebp.^o Primas

LICENÇA DE PROFISSÃO

1764

O Doutor José Maria Pinto Brochado Dez.^{or} e Provizor nesta Corte e Arcebisado por S. A. R. o Serenissimo Senhor D. Gaspar Arcebispo, e Senhor de Braga Primaz das Hesp.^{as} etc.^a Pela prez.^{te} visto o que em hua Suplica representarão ao mesmo Seren.^o Snr. Theresa Maria de Jesus, e sua Irmã Jacintha Maria do Espir.^{to} Santo Noviças no Recolhimt.^o do Archanjo S. Miguel da V.^a de Guimaraens, q. tinham acabado o seu anno de Noviciado, e cumprido com as obrigaçoens da aprovação, e as mais do dote, e propinas, como tudo assim informou a Regente do mesmo Recolhim.^{to}; a vista do que, e da remessa do mesmo Serenissimo Senhor concedo licença á dita M.^e Regente para que professe as ditas Noviças, e as admitta por sua antiguid.^e aos cargos do dito Recolhimento, tudo na forma do estillo, e Estatutos do dito Recolhim.^{to} Dada em Braga sob meu signal, e sello desta Corte aos 28 de agosto de 1764. E eu o P.^e João de Sa Pinto que pelo escrivão da Cam.^a Ecc.^a o subscrevi..... (seguem as assinaturas e rubricas)

UMA NOVIÇA QUE SAI...

1794

«Ex.^{mo} R.^{mo} S.^r

Dis Vicente Jose da Paz da V.^a de Guim.^{es} que tendo no Recolhim.^{to} do Anjo da mesma V.^a a hua sua filha chamada Maria Jose pedio em nome desta licença a V. Ex.^a R.^{ma} para sahir a tomar os remedios precisos p.^a a sua saúde como consta da p.^{am} inclusa a qual foi servido indeferir: E porq.^e quer o Supp.^o que sua

filha lhe seja entregue visto não ser professa nem estar obrigada ao d.^o recolhim.^{to} e a viver nelle perpetuam.^{te} no estado de padecer a sua saúde que he hua obrigação mais forte do q. qualquer outra

P. a V. Ex.^a R.^{ma} se digne mandar q. a regente lhe entregue sua f.^a p.^a poder cuidar da sua saúde

E. R. M.»

Tem os seguintes despachos e informações:

«Infr.^e o R. Abb. de Pinhr.^o, ouvida a Reg.^{te} Braga 15 de Ag.^{to} 1794» (rubrica)

«Ex.^{mo}, e R.^{mo} Snr

Ouvida a Reg.^{te}, dis que não duvida, nem impugna, que a Supp.^{da} seja intregue ao Supp.^{te} seu Pai, com tanto que o Recolhim.^{to} fique aliviado por um termo autentico de nunca mais a tornar a receber; e que de outra sorte não he conveniente semelhante sahida sem offença, e dano do m.^o Recolhim.^{to} pelos motivos, que já indicou a V.^a Ex.^a R.^{ma} na pr.^a informação a qual se reporta a r.^{to} do que nada mais tenho que informar.

Salvador de Pinhr.^o 20 de Agosto de 1794

De V.^a Ex.^a R.^{ma}

Subdito humilde

(a) Domingos gls de Cast.^o)

«Concedemos a liç.^a ped.^a com a clausula de não entrar mais p.^a o Recolhim.^{to} Braga 23 de Ag.^{to} 1794.» (rubrica)

«Aos trinta hum dias do mes de Agosto de mil sete centos noventa e quatro annos nesta villa de Guimaraens, no Recolhimento do Archanjo Sam Miguel, honde eu Tabaliam vim, com o Suplicante Vicente Jose da Paz; e sendo presente a Madre Regente deste

Recolhimento; esta ao Suplicante lhe fes entregua de sua filha, de que se ouve por entregue; e dipois dise que se obrigava sob a obrigaçam de sua pessoa e bens, a não repetir a este Recolhimento cousa alguma do que havia dado ao mesmo para o ingreso e conservaçam da mesma sua filha constante do contracto que para hiso ouve por escritura; e da mesma forma se obriga, a não repetir novo ingreso neste Recolhimento para a mesma sua filha por inteiramente a querer conservar na sua companhia para a outilidade della, e tratamento da saude da mesma sua filha, tudo na conformidade do despacho de Sua Excelencia Reverendissima na Suplica retro, e de como asim o dise aqui assignarão e eu Luis Antonio de Abreu Tabeliam o escrevi e declaro assignou a filha de todo o declarei

(a) Luis An.^{to} de Abreu
Vicente Joze Da Paz
Maria Jose do Coração de Jesus»

NOMEAÇÃO DE REGENTE, INTERINAMENTE

1842

Governo Civil de Braga Rodrigo de Souza Teixeira da Silva Alcoforado, Par do Reino Segundo Barão de Villa Pouca, Fidalgo Cavalleiro da Casa Real, Comendador da Ordem de Christo, Coronel das extinctas Milicias de Guimarães, e Governador Civil do Districto de Braga

Attendendo as circunstancias que concorrem em Maria Luiza, Recolhida Professa no Recolhimento de São Miguel o Anjo da Villa de Guimarães, hei por bem encarrega-la interinamente do cargo de Regente do mesmo Recolhimento, ate que se proceda a nova eleição para o dito cargo.

Dado e passado neste Governo Civil de Braga aos 8 de Julho de 1842.

(a) Barão de Villa Pouca.

UM COMPROMISSO DE RECOLHIDAS SEM DOTE

1845

«Pelo presente que mandamos fazer e assignamos: dizemos nós D. Leocadia Leite Peixoto, e D. Luisa Leite Peixoto, e D. Luduvina Leite Peixoto, que justamos com a Madre Regente, e Discretas do Recolhimento do Archanjo S. Miguel desta Villa, de nos recolher-mos ao m.^{mo} e sujeitar-nos á observancia dos institutos da Caza, e terceira Ordem de S. Francisco com toda a sua extenção, e ficando obrigadas á purfissão no fim do anno, ou quando a Madre Regente determinar, a qual será gratuita; porem se em algum tempo lhe vier algũs bẽns por herança, ou duação então pagarão ao menos ametade do costume; e no cazo de no fim do anno não professar-mos pagar cada huma a costumada quantia de treze mil e duzentos em cada anno, se assim convier á Madre Regente e mais recolhidas, e quando faltar-mos a alguma parte deste nosso Contrato pudemos ser expulças do recolhim.^{to} e de tudo assignaremos termo no fim do anno de nossa entrada, e por esta ser a forma do nosso Contrato mandamos escrever este pelo R.^{do} P.^o Fr. Manoel do Carmo e S.^a desta m.^{ma} Villa, de que forão testemunhas Raimundo Alves Torres aqui visinho e Joze Joaq.^m da S.^a Guim.^{es}»

Guimarães 27 de Junho de 1845

A rogo das mencionadas

(a) O P.^o Fr. Manoel do Carmo e Silva

N. B.

Nunca poderão ter creada Particular

(a) José Joaq.^m da S.^a G.^{es}»

LICENÇA PARA SAÍR A ARES

1862

«Ill.^{mo} Snr. Administ.^{or}

Diz Manoel Caetano Pinto Pereira Cardozo da fr.^a de S. Romão d'Aroeñs comarca de Fafe que tem no recolhimento do Archanjo S. Miguel d'esta cidade sua filha Antonia da Pureza Pinto, e precisando esta de tomar ares por algum tempo por isso

P. a V. S.^a se digne conceder-lhe licença para poder sahir

E. R. M.

Guimarães 1.^o de Março de 1862

(a) Manoel Caetano Pinto Pereira Cardozo»

O administrador mandou ouvir a regente que disse a Menina precisar de sair, pelo que foi deferido, voltando mais tarde a entrar.

Houve, porém, educandas no Recolhimento que saíam a ares... de matrimónio. E quantas lágrimas de saudade amarga, de tristíssima desilusão não caíam em faces maceradas e envelhecidas àquela tamanha alegria da noiva, enquanto repicavam os sinos... O amor foi sempre o maior feiticeiro. ⁽¹⁾

(1)

CASAMENTO DE UMA EDUCANDA, NO BEATÉRIO

1865

«O D.^r Manoel Bernardino d'Araujo Abreu Commendador da Ordem de Christo Juiz 1.^o Subst.^o do de Direito nesta Com.^{ca} de Guim.^{es} por S. M. F. ElRey que D.^s G.^{de} etc.^a

Mando a Excelentissima D. Maria das Dores Corrêa Luduvina da Conceição, Regente do Beaterio do Anjo San Miguel desta Cidade que he depositaria Judicial da recolhida no mesmo Beaterio Dona Francisca de Jesus de Freitas Fernandes, filha Legitima de Domingos Jose Fernandes Guim.^{es}, e mulher da freg.^a de Gondo-

PARA A ADMISSÃO DE MENOR EDUCANDA

1863

«Ill.^{mo} Snr. Adm.^{or} do Con.^{co}

Dis Antonio Teixr.^a da Silva do Lug.^r das Puicas freg.^a de Villa Coba da Lixa con.^{co} de Felgueiras, que elle supp.^e quer que sua filha Maria Teixr.^a de Jezus, se recolha no recolhimento de São Miguel o Anjo desta Cid.^e, mas como não o pode fazer sem que V. S.^a lhe preste licença para este fim

P. a V. S.^a se digne prestar-lhe a licença pedida

E. R. M.^{co}

(sem assinatura do requerente)

«Informe a Ill.^{ma} Sr.^a Regente sobre a pertença do Supp.^e

G.^{es} 27/4/63(a) Ad.^{or} Luiz A. Vieira»

«a Pretendente requerida he Menina de 12 annos. bem para educação, he de boa Família, he o que posso em formar a V. S.^a, Recolhimento do Anjo 27 de abril de 1863.

(a) Regente

Maria das Dores Corr.^a Luduvina da Conceição.»

Vista a informação respectiva não me opponho á pertença do Supp.^e

G.^{es} 30/4/63

(a) L. Vieira

mar, que visto este por mim assignado apresente na Capella do mesmo Beaterio a mesma depositanda D. Fran.^{ca} de Jesus de Freitas Fernandes, a fim de ali ser recebida com o matrimonio da Santa Madre Igreja com Domingos Jose Fernandes de Oliveira Guim.^{es}, da freguesia dita de Gondemar, e depois de recebidos podera este tomar conta della como sua Esposa que fica sendo depois do matrimonio. O que cumprirei. Guim.^{es} 28 de Junho de 1865. He o João de Freitas Costa Brandão Escrivão que o fiz» (rubrica de Abreu)

É VEDADA A ENTRADA!

A regra da Ordem Franciscana era apertada, rigorosa ⁽¹⁾. Não dissera o Mestre: «*Francisce, nihil est in Regula de tuo, sed totum est meum*»? Um dos mais intransgredíveis requisitos — o da castidade. Pobreza, obediência, castidade. Não: escusavam aldrabar à porta as de vida impura e escandalosa. Antes: a penitência, o arrependimento sincero. Mas ir ainda com os arrebiques de formosura, o perfume diabólicamente cheiroso e tentador do pecado, résteas de sol quente molhando, refulgindo, na carne primaveril, tôda a lembrança que não se apaga jamais nem da alma nem dos sentidos... — como poderia ser? Açodadas, protestavam.

Ao caso se referem estas minutas:

«Saptisfazendo de novo ao despacho de V.^a S.^a tenho a responder que não devo nem posso admitir as pertendentes neste Recolhimento. A minha primeira

(1) A regra minorística foi escrita por S. Francisco que, dizia, a ouviu de Cristo. Depois da confirmação *Vivae vocis oraculo*, foi confirmada em bula autêntica pelo Papa Honório III, dada em Laterano em 1223. Abre por estas palavras: «*Regula, & vita Fratrum Minorum haec est, scilicet: Domini nostri JESU CHRISTI Sanctum Evangelium observare, vivendo in obedientia, sine proprio, & in Castitate.*»

Aqueles que quisessem tomar a vida dos Frades Menores deviam procurar os Ministros Provinciais por quem, examinados na fé católica e nos sacramentos da Igreja, lhes seria dita a palavra do Evangelho: «que vão, e vendão todas suas cousas, e as dêem aos pobres.» Depois eram-lhes concedidos os vestidos do ano da provação — «*duas tunicas sine caputio, & cingulum, & braccas, & caparonem usque ad cingulum.*...» — Acabado o ano, recebiam-se à obediência, fazendo voto, e profissão de sempre guardar a vida e a regra. «E em nenhuma inaneira lhes será lícito saír desta Religião, como está mandado por o Senhor Papa; porque segundo o Santo Evangelho nenhum, que lança a mão ao arado, e olha para trás, é apto para o reino de Deus. E aqueles, que já prometeram obediência, tenham uma túnica com capêlo, e outra sem capêlo, se quizerem. E os que por necessidade são constrangidos, possam andar calçados. E todos os Frades se vistam de vestidos vis, e os possam remendar de sacos: e outros pedaços com a bênção do Senhor.» (Cap. II)

Os Frades Clérigos rezariam o officio divino, segundo a ordenação e costume da Igreja Romana (tirado o Psaltério). Os Leigos

resposta foi humia resposta muito decente para despedir as pertendentes e mostrar-lhes que não podião aqui ser admitidas, mas agora já que me forção a de novo responder repito que não devo, nem posso admiti-las porque este Recolhimento hé uma casa de Relegião, de educação e de moralidade, e não devem, nem podem nella ser admitidas pessoas de má conducta, de maus costumes e sem moralidade, como as pertendentes, segundo as informações que tenho, por isso que virião desmoralisar as educandas, e transtornar o socego, e fins deste Recolhimento. Hé aqui geral o descontentamento com a pertinácia de tais pertendentes que são bem conhecidas, e por tanto, em vista das razões expendidas e das expressas disposições dos Estatutos deste Recolhimento as pertendentes não podem aqui ser admitidas, nem eu posso convir na sua admissão.

He o que tenho a responder a V.^a S.^a Guim.^{es} 3 de Outubro de 1860

Fulana Reg.^{te}»

diriam «vinte e quatro vezes o *Pater noster* por as Matinas: por as Laudes cinco; por Prima, Terça, Sexta, e Noa, digam por cada uma destas Horas sete vezes o *Pater noster*: pelas Vésperas doze, e pela Completa sete.» Rezariam o officio pelos defuntos. Jejuariam todos da Festa de Todos os Santos até o Natal. «Mas a Santa Quaresma, que começa da Epifania até quarenta dias continuos, a qual o Senhor com seu Santo jejum consagrou, os que por sua vontade a jejuam, sejam bentos do Senhor, e os que não querem não sejam constrangidos, mas a outra Quaresma até a Ressurreição do Senhor todos jejuem. E nos outros tempos não sejam obrigados por esta Regra (a) jejuar, senão as Sextas-feiras. Mas em o tempo de manifesta necessidade não sejam os Frades obrigados a jejum corporal. Aconselho, amoesto, e defendo aos meus Frades em o Senhor Jesus Cristo, que quando vão pelo mundo, não pelejem, nem contendam com palavras, nem julguem mal os outros. Mas sejam mansos, pacíficos, modestos e humildes, Religiosamente falando a todos, como convém. E não devem andar em bêsta, senão constrangidos por manifesta necessidade, ou enfermidade. Em as casas, em que entrarem, primeiramente digam: Paz seja em esta casa. E segundo o Santo Evangelho, de tôdas as iguarias, que lhes forem diante postas, seja lícito comer.» (Cap. III)

Por nenhum modo, e expressa determinação, receberiam dinheiro, ou pecúnia, por si, ou por interposta pessoa. (Cap. IV)

«Os Frades, a que o Senhor deu graça de trabalhar, ocupem-se no trabalho fiel, e devotadamente, em tal maneira, que lançada fora a ociosidade, que é inimiga da alma, não matem o espirito da

«Sera melhor não responder, mas se quizer pode fazelo assim —»

Snr. F.

Estive em não responder a sua carta porque dizendo-se de amigo deste Recolhimento nos dá hum conselho apar de ameaças, e ameaças de destruição. Pede porem a boa educação, que responda, e respondo da maneira seg.^{te}

Não sou eu quem se opoe neste Recolhimento á entrada das Snr.^{as}, são todas as recolhidas, e eu, que primeiro, que ellas, tem os direitos adquiridos; he o sentimento da moralidade, da decencia, e da educação. Portanto não posso tomar o seu conselho de não fazer opposição, porque se o faço he como representante das sobreditas, e de todos os mais interesses, que me ligão como Regente do Recolhimento.

Não me vence a amiaça de ser destruido este Recolhim.^{to} (no caso de não abraçar o seu conselho) porque muitas vezes há que não chegam ao Ceo. Deus nos protege, porq. os fins deste Recolhimento são inte-

Santa Oração, e devoção, ao qual tôdas as cousas temporais devem servir. E por prêmio do trabalho recebam as cousas necessárias ao corpo para si, e seus Frades: tirando dinheiros ou pecúnia. E isto humildemente, como convém a servos de Deus, e seguidores da mui Santa pobreza.» (Cap. V)

«Os Frades nenhuma cousa tenham própria, nem casa, nem lugar, nem alguma outra cousa, mas como peregrinos, e estrangeiros em este mundo, em pobreza, e humildade servindo ao Senhor, com muita fé vão pedir a esmola. Nem devem haver disso vergonha, porque o Senhor por nós se fêz pobre em este mundo. Esta é a que a alteza da altíssima pobreza, que a vós, meus muito amados Irmãos, instituiu herdeiros, e Reis do Reino dos Céus, fez-vos pobres das cousas temporais, e levantou-vos em virtudes.» Nas suas enfermidades deviam tratar-se uns aos outros como irmãos espirituais. (Cap. VI)

Seriam, os que pecassem, pelos Ministros ou Sacerdotes penitenciados, mas sem a ira e o escândalo: «porque a ira, e torvação em si, e nos outros impedem a caridade.» (Cap. VII)

No Capitulo de Pentecostes procedia-se á eleição do Ministro Geral da Fraternidade. (Cap. VIII)

«Os Frades não préguem em o Bispado de algum Bispo, quando o Bispo contradisser. E nenhum Frade ouse em alguma maneira pregar ao povo, se não fôr por o Ministro Geral desta Fraternidade examinado, e aprovado, e dêle lhe fôr concedido o officio de pregar.

ressantes á sociedade geral, são justos, são sanctos: e por isso nem agora, nem em tempo algum esteve em risco de deixar de existir.

Este Recolhimento representa huma sociedade do sexo feminino, como outras muitas do hum, e outro sexo, de que se compoe a sociedade geral, tendo por fim primeiro servir a Deos, e secundario o da conservação da virtude, e san moral de modo q. sejão de louvor a Deos, e de utilidade a si mesma, e a sociedade geral.

Esta Sociedade e no m.^{mo} Recolhimento tem de existencia mais de hum seculo, e por isso, e por todas as razões tem sido, e hade ser sempre respeitada pelos Governos: e somente tera de ser abolida quando se torne immoral, como pernicioso a Sociedade Geral, e ao m.^{mo} Governo.

Os que pertenderem introduzir no Recolhim.^{to} a immoralid.^e com huma ou mais recoihidas de má conducta, não digão, que são amantes da conservação deste Recolhimento pelo perigo em q. o poem de corromperem as boas. Na classe destes esta q.^m aqui, abusando da boa fe, e confiança da Regente á pouco

Também amoesto, e defendo aos mesmos Frades, que na prêgação, que fazem, suas palavras sejam examinadas, e puras a proveito, e edificação do povo, denunciando-lhes os vícios e as virtudes, a pena, e glória em breve Sermão, porque o verbo abreviado fêz o Senhor sobre a terra.» (Cap. IX)

«Os Frades, que são Ministros, e servos dos outros Frades, visitem e amoestem sens Frades, e com humildade, e caridade os emendem, não lhes mandando fazer alguma cousa, que seja contra sua alma, e nossa Regra.»

Confronte-se com a disciplina jesuítica, militar, obediente até ao pecado e ao desvario irragico: «*Visum est nobis in Domino nullas constitutiones posse obligationem ad peccatum mortale vel veniale inducere, nisi superior (in nomine J. C., vel in virtute obedientiae) juberet*» (Constituição da Companhia de Jesus VI 5).

«*Ad defensionem vitae, et integritatis membrorum, licet etiam filio, religioso et subdito, se tueri, si opus sit, cum occisione, contra ipsum parentem, Abbatem, Principem: nisi forte propter mortem hujus, secutura essent nimis incommoda, ut bella, etc.*».

Recommenda, é certo, nem podia deixar de ser, obediência — mas não contrária á alma, nem á Regra —, e, aos superiores, caridade, benignidade e familiaridade. Que se guardem todos da soberba, vanglória, inveja, avareza, cuidado, e solicitação deste mundo, e de dizer mal, nem murmurar de alguém. «E não curem, os que não sabem letras, de as aprender, mas olhem, que sobre tô-

introduzio humia incorregivel, e desregrada mulher, e tanto incorregivel, que com conhecim.^{to} de causa foi expulsa pela competente autorid.^e

Fique sabendo o Snr. que quando mesmo eu me não opothesse a entrada das Snr.^{as}, como devo opor, tinham ellas a opposição de todas as recolhidas, que pelos direitos adquiridos, que tem, podem opor-se sem embargo do meu consentimento porque não sendo a respectiva casa propriedade minha, mas sim de todas, todas tem direito a repelirem os incomodos ao fim porq. derão a sua entrada, e ao fim a que se dirige a m.^{ma} sociedade.

Nada quero dizer contra esse docum.^{to} que V.^a S.^a dis as favoresse, e que obtiverão não com testemunhas da vesinhança dos seus desregrados procedim.^{tos} mas sim com testem.^{as} q. as quizerão favorecer. Nada digo contra esse docum.^{to}, antes desejo que o conservem, e guardem ou p.^a o futuro quando já não proseguirem (?) os seus factos, ou para apresentarem a quem as não teve por vesinhas, e q.^m as não conhecesse.

Permita-me dizer-lhe q. jamais responderei sobre este objecto.»

das as cousas devem desejar ter o espirito do Senhor, e a sua santa obra, orar sempre a Deus de puro coração, e ter humildade, e paciência em a perseguição, e enfermidade, e amor aos que nos perseguem, repreendem, e arguem, porque diz o Senhor: Amai os vossos inimigos, e fazei oração por os que vos perseguem, e vexam. Bemaventurados os que padecem perseguição pela justiça, porque d'elles é o Reino dos Céus. E o que perseverar até o fim, esse será salvo.» (Cap. X).

«Mando firmemente a todos os Frades, que não tenham suspeitosas familiaridades, ou conselhos de mulheres: E que não entrem em os Mosteiros de Monjas, se não aqueles, a que a Sé Apostólica concedeu licença espiritual. Nem se façam compadres de homens, nem de mulheres, por que não nasça algum escândalo por esta occasião entre os Frades, ou dos Frades.» (Cap. XI)

No capit. XII aponta-se sobre o que devem fazer os que vão entre os mouros e outros infiéis.

Verba prolata à Domino Papa Honorio, quando Regula confirmavi — «Beatus ille, qui gratia Dei roboratus hanc Regulam fideliter, & devote servaverit; quoniam omnia, quae in ea scripta sunt, Sancta, & Catholica, & perfecta sunt.»

(Fr. Valerio do Sacramento — *Thesouro Seraphico* — Coimbra: No Real Collegio das Artes da Companhia de Jesu, Anno de 1753).

A esta gente, e pobre dela afinal!, não escasseiam, conselheiroscos, os bons padrinhos. E teimosos, arrenegadiços, fura-vidas. A' piedade? — sim, por esta piedade, muitas vezes, de quem as arma, impostoramente: a má perfidia de corromper a inocência, abusando, mentindo..., e depois, olhos no céu, imagina traças cómodas de se livrar de trabalhos e iludir justas murmurações — ai o santinho-satanás! Dentro das grades o alvoroço, então, crescia. Buscavam-se outros empenhos, contraminando. (1)

(1) «Ill.^{mo} e Ex.^{mo} Snr. = Dizem os abaixo assignados Francisco Joaquim Ferreira dos Sanctos, negociante, e proprietario da cidade de Guimarães, como Tio, e Curador de D. Maria Dorothea Correa D. Joana Vitorina dos Anjos Correa, e D. Antonia dos Anjos Correa Orfans de pai, e Mai; Domingos Jose Ferreira negociante, e proprietario da mesma, como Tio, e Curador de D. Maria Emilia da Costa, D. Emilia dos Anjos Costa, e D. Felicidade dos Anjos Costa, Orfans de pai, e mai; Luis Gonçalves proprietario e negociante da m.^{ma} como Curador de D. Ingracia Emilia Dias na ausencia do pai desta no Imperio do Brasil; Joanna da Silva viuva da mesma cidade como Curadora de sua filha D. Theresa de Jesus, Anna Joaquina viuva da mesma como Curadora de sua filha D. Joana Delfina, Joaquim de Freitas, proprietario de villa nova de Famalicão, como administrador de suas filhas D. Emilia de Freitas, e D. Maria de Freitas: Antonio Soares d'Araujo e Abreu como pai de D. Rosa Soares d'Araujo Abreu do Concelho de Filgueiras do Districto do Porto, que sabedores de que na dita cidade de Guimaraes havia, como há, um recolhimento para educarem, ensinarem, e aperfeiçoarem pessoas, como as sobreditas do sexo fminino, e que este Recolhimento tinha uma determinada clausura, era administrado por uma Regente sub direção de antiquissimos Estatutos, cujo execução he da mesma Regente, e sobre tudo sabendo os supp.^{es} da capacidade, boas qualid.^{es} e mais aptidões da dita Regente, e que porisso o mesmo Recolhimento gosava dos melhores creditos; tendo os Supp.^{es} o melhor desejo, como lhes cumpria, de bem educar, ensinar, e aperfeiçoar as sobreditas suas sobrinhas, filhas, e arretelladas, de maneira, que conservando-se em boa moral, venhão a ser sempre observantes dos deveres para com Deos, para com ellas mesmas, e para com os outros, ellegerão para casa de educação das mesmas o dito Recolhimento, e obtiverão da respectiva Auctoridade administrativa, e dita Regente permissão de entrada, como entrarão, não dando mais cuidado aos Supp.^{es} do que a sbinistração dos seus alimentos, e mais precisões. Todavia magoa muito aos Supp.^{es} saberem agora que F. F. filhas do falecido..... da mesma cidade, depois de tentarem com a dita Regente, entrada no mesmo Recolhimento, e solicitarem a permissão respectiva da Auctoridade administrativa, e ser-lhe recusada por sua conducta, e desregrada moral na publicidade de sua terra natal, forcejão por

«Pax huic domui!»

Os dizeres proféticos de *Herculano* ⁽¹⁾, desmentiu-os a geração a que se destinavam e vieram fer a nossos dias uma confirmação pleníssima. Acentuou-se o dissídio entre a doutrina oficial de Roma, enteada

entrar, e que para isso, obtendo huma justificação de boa moral, com trez testemunhas falsas perante a auctoridade judicial, se jactão de obrigar a Regente a recolhe-las, contadas sem duvida em protecções, porque desgraçadamente ha gente para tudo, e principalmente para patrocínio de taes pessoas. Os supp.^{es} confiados na recta administração da justiça vem, com venia, expor a V. Ex.^a o seguinte 1.^o que o dito Recolhimento, intitulado de S. Miguel o Anjo de Guim^{es}, conquanto fosse desde a sua antiquissima criação da vigilancia, e proteção da Auctoridade Ecclesiastica, hoje he da superintendencias das Auctoridades administrativas, e porisso da de V. Exc.^a 2.^o que observando se dentro do mesmo, pelos referidos Estatutos, quanto ao espirital, a regra Serafica do Patriarca S. Francisco, se determina em hum dos capitulos dos mesmos Estatutos (e que he o primeiro na sua ordem) sub numero 1.^o = que não sejam admitidas no Recolhimento, as que tiverem sido mal procedidas; as que tiverem tido falta publica na castidade, ou fama, rumor, ou vehemente suspeita deste defeito = 3.^o que desgraçadamente as sobreditas pretendentes, conquanto Orfãos de pai, e mai, e necessitadas de todo o succorro, tem pecado por todos os modos, prohibidos no referido capitulo dos Estatutos, porquanto tem sido malprocedidas na castidade, e (o que mais he) com escandalosa publicidade. Com magoa de seus corações vem os Supp.^{es} perante V. Ex.^a ser delatores de faltas, que alias desejarião encobrir por caridade, e religião; mas releve aos Supp.^{es} esta iniciativa a lembrança do receio de que pode perigar a sua conducta das recolhidas, (por q^m se interessão) na conjuncção das mesmas com as pertendentes, no caso de ser ordenada a receada entrada. Esperão muito os Supp.^{es} da boa administração de V. Ex.^a e que assim já pela consideração, religiosa, ja pela da moral, e bem da sociedade, respeitando os direitos adquiridos das actuaes recolhidas, e dos Supp.^{es} que as representão confiadamente esperão que seja endeferida a pretensão das Supplicadas pretendentes no caso apparecerem a requerer entrada no dito Recolhimento. E por isso = P. a V. Ex.^a a graça de, deferindo a esta, endeferir a dias Suppl.^{es} se por ventura apparecer. = E. R. M.^{ce}.

(1) «Por toda a parte uma ligz de espiritos de profundo e generoso pensar se formia a favor da cruz: a cruz planta-se sobre o altar da sciência, hoje que ha verdadeira sciência, sobre o altar da arte, hoje que ha verdadeira arte, e o cristianismo, ainda esquecido e menoscabado, ou escarnecido nas regiões tenebrosas e lodacentas dos homens politicos, remonta-se às alturas do poeta, do artista, dos homens da sciência e da intelligência, e vive e cresce misturan-

pelo mais execrável dos sectarismos ⁽¹⁾ e as correntes filosoficas, o pensamento comum das gentes — pois que na baila da moda também andam as ideas e os vestidos. Foi a adversidade que levou aquella a retemperar-se nas fontes puras e eternas do primitivo evangelho cristão ⁽²⁾. A ambição politica — a temporalidade no do-

do-se com todos os pensamentos altos, com tôdas as paixões puras e generosas. A crença da civilização devia ligar-se com esta: a guerra entre o Evangelho e o progresso era absurda; era a guerra entre luz e luz, não entre luz e trevas. Concordes a fé e o saber, a sua acção sobre os destinos das nações brevemente será imensa e irresistivel.» — (*Alexandre Herculano — Do Christianismo —* («Panorama» 1839-1843), in *Composições varias*, Aillaud e Bertrand).

(1) «Ao progresso democrático, sustentado pelo desenvolvimento scientifico, das sociedades actuaes, corresponde a sucessiva fraqueza do cristianismo. Com a decadência da moral religiosa entram os povos mais adiantados na civilização em um período critico. Se a filosofia, não obstante a radicação do espirito de positividade, e apesar da forma verdadeiramente grande como as sciências se aperfeiçoam e caminham, com os vestigios da metafísica, que apresenta ainda e resultam das inclinações hereditárias, fixadas durante a peregrinação histórica, não conseguiu vencer por completo a instabilidade mental, quando acobarda o homem em frente da natural adaptação do procedimento às leis e interesses gerais que vai conhecendo, ou o deixa arrojarse, crendo-se belo na inconsciência, generoso na crueldade, apóstolo no verbo, à luta destruidora dos principios e instituições fundamentais, o enfraquecimento da antiga moral juntando-se à negação da moral scientifica, o nervosismo característico da psicologia moderna geral e a literatura contribuíram para agravar o estado confuso e a desorganização dos nossos actos, sentimentos e ideias.

A moral religiosa foi transformada pelos jesuítas. Admitiu-se o probabilismo, hoje mesmo aceito pela teologia, para favorecer sempre o peccador contra a sociedade, ganhando assim preponderância a casuística do jesuitismo sobre os rigores dos jansenistas. E' com o molinismo, o aniquilamento otimista da vontade, encobrindo e desculpando todos os crimes, escandalosos appetites e grandes perversidades, que os jesuítas conquistam a supremacia espiritual na última fase teológica.... O antagonismo entre esta acção religiosa que, desprezando os elementos essenciaes da doutrina cristã, justamente considerada como o amparo dos pobres e um obstáculo à tirania dos poderosos, viera collocar-se a favor destes como um novo privilégio, e a acção social dos trabalhadores, operários, sábios e artistas, devia terminar, como terminou, pela amoralidade social formada pelo atraso duns e com a insubordinação dos outros.» — (*Eduardo d'Almeida — A Família e a evolução social —* Guimarães — 1911).

(2) ...«Un travail analogue s'est fait dans beaucoup d'esprits. Si la Séparation des Églises et de l'État a entamé dans une

mínio, em qualquer dos seus aspectos de influência, mesmo em dinheiro — é mastro de cocanha a que se afinam, como grudando ao sebo escorregadio, as inãos sujas dos resolutamente atrevidos; mas o lenho frágil, com sua grimpia tentadora e mentirosa — que não é mais que um reflexo do sol ardendo no latão, em pinha scintilante, como uma estrêla —, desfibra, estala, ao pêso e arremetida dos assaltantes, que se precipitam de chafurdo na vasa pútrida de lama: o sangue de tôdas as misérias. O bordão do pastor, êsse, encontrava uma turba espessa e grande de sofrimentos horríveis e assombradas timidez, perdido no cerraceiro de sangue que manchou, a poucos passos, êste mal-vaticinado século.

As bússolas dos sociólogos e dos sábios desmagnetizaram-se, oscilantes, na azáfama da carnificina. Na selvajaria grosseira, hedionda, materialona, aço e pólvora, sangue e pólvora, que é a fôrça e a guerra — a fôrça que brutalmente só procura amarfaniar e a guerra que não se baliza pelos mais indestrutíveis sentimentos —, o homem de escafandro e máscara — engenhoso em destruir, na insciência do anonimato e da distância (como o tim-tim da campainha que occida na China o mandarinêso ricoço), a léguas de seu irmão desconhecido (outro lobo inimigo e feroz), através os ares em lascas vertiginosas de astros esmigalhados, na profundidade dos mares como escamas prateadas de dinamite —, soergueu os olhos ao alto à busca duma luz da manhã, de uma idea, que fôsse acariciadora como a recordação dos seus anos de infância, segura como o

mesure difficilement appréciable les ressources matérielles de l'Église; si elle lui a enlevé le puissant prestige d'institution officielle, et fait désertir les avenues du sanctuaire par beaucoup de candidats dont la vocation n'était guère qu'un vif désir de devenir fonctionnaires, elle lui a attiré des sympathies et des concours qui, dans un avenir rapproché, pourraient bien compenser, et au delà, les pertes subies.

Si le catholicisme arrivait à séparer sa cause de celle du cléricalisme politique, agressif, violent, intolérant, le réveil d'idéalisme qui fermente partout dans notre pays et aussi ailleurs, se traduirait tout naturellement par un renouveau religieux catholique. Qui vivra, verra.»... — (Paul Sabatier — *L'Orientation Religieuse de la France actuelle* — Librairie Armand Colin, Paris — 1912).

conselho de seus avós, bela e sentimental como o seu amor distante — incerto na viuvez junto aos berços agoirados de orfandade —, sonhadora, libertante, para muito acima de tôda aquela negrura escorrente e bárbara. O mais ímpio gemeu, na auréola do seu valeroso heroísmo, balbucios, retalhos, sílabas de orações ingênuas. Velhas palavras rebatidas alvoravam-lhe na mente na radiúnica intensidade duma significação grave, estranha: o amor e a piedade, a fé e a poesia, o sofrimento e o êxtase... misteriosamente, encantadamente, esbatendo, em luar de esperança, a fragosa e dura subida do seu calvário humano...

Depois — era fatal! — a loucura torpe do sangue desentranhou a insânia torpe da riqueza. Sentiu-se a mesma garra de fera a morder as carnes. Mais estúpida e daninha querendo ser fria, mansa: não procura o coração do homem com gesto fratricida, mas escoalhe o sangue para comburir a migalhita de ferro. Centenas vão a êste matadouro e assim os gramas de ferro dão uma pepita de ouro. São outros os pobres, são outros os desgraçados, mas é sempre desgraça e pauperismo. O estonteio foi alcançando o máximo, que não há preas morais que lhe açaimem os desbragamentos; também aquela velha Dor, génese de pensamento e mater-augusta do sentir, que enlivedeceu o sorriso do primeiro homem na alvorada dos mundos, estorcega pungentíssima em até-agora desconhecidos sobressaltos e dilacêros, ou quebranta como fulminada, em desmaiada timidez, por essa implacável tempestade.

Então voltou aos corações o lírico S. Francisco ⁽¹⁾ enquanto, loucos e cegos, vertiginam à neurasténica freima, no ougamento enraivecido do milionarismo,

(1) ...«S. Francisco rompeu com os moldes escolásticos e impregnou o cristianismo de sentimento e de alma, de vida creadora e expansiva. Foi êle que criou a religião do amor, que enterneceu a natureza do espirito suave de Jesus, que tornou o sofrimento belo, que fêz fraternizar os homens e as cousas, que tornou a alma cristã sensível às sinfonias líricas dos ninhos, das fontes, das brisas e das flores. Foi êle o revelador do lirismo, o criador da poesia moderna, porque Francisco de Assis, que foi um santo, foi também um grande poeta. ¿O que é o seu *hino do sol* senão um cântico pagão cris-

ter milhões, ter milhões!, lufa-lufa à glória e ventura... das quatro tábuas de pinho nos sete palmos de terra. Ser humilde quando a sociedade — que é hoje o conúbio do cosmopolita elegante, viajador scéptico, frívolo e culto, e do desnacionalizado na sanguessugagem dos negócios, com o delírio de tôdas as ostentações e embasbaquices —, arreganha de pompas, numa apoteose revisteira, num cenário à restaurante de jogatina e música, escaiola e pedrarias, caçoilas de perfumes e serviço de morfináceos, nudezas mais vestidas de maquilhagem que um guarda-roupa de matrona dezóitocentista, côrte de excêntrico grotesco em que medicizam os profissionais da luxúria, todos os mazêlicuros e costureiros... Ser pobre, onde, à compita, em dilúvios e crateras, turbilhonam as incontáveis fortunas dos maníacos hospitalizados como perigosos... sentir novamente um pouco de comoção pelas coisas rudes — a árvore, o regato, o sol — e um ar de piedade pelas mesquinhas santas — o desamparo do órfão, a impotência do fraco, a tortura do inocente —... todo êste vago fundo, nublose de idea e astro de sentimento, do idealismo religioso — à parte das formas culturais — arraiou,

tianizado pelo lirismo poético? Êle fundiu com a sua bondade de santo e a sua emoção de poeta o panteísmo no cristianismo. Êle fez da estética uma virtude cristã. A arte, filha da emoção, devia naturalmente ser impressionada por êste frémito vivificador que sacudia as raízes geladas do sentimento e da sensibilidade. Com o franciscanismo o pitoresco anima a pintura, como o lirismo se torna a alma da poesia. Se da mística franciscana saíram Giotto, Fra Angélico e Benozzo Gozzoli, êle deu também com o próprio S. Francisco que compôs o *Cântico do Sol*, Tomás Celano autor do *Dies Irae*, Todí, ardente e apaixonado poeta, e o genial Dante que, se pela filosofia é dominicano, nos grandes vôos líricos da sua musa e na concepção mística do amor divino é franciscano. Mas S. Francisco era um contemplativo, um contemplativo sensual, se assim me posso exprimir, que se eleva a Deus pelo coração e propaga a fé não com subtilezas de dialéctica, mas com cânticos e emoções de poeta. A's securas escolásticas do dogma opunha êle as emoções líricas da natureza. Deus não lhe surgia entre nuvens abrasadas no alto duma montanha estéril; via-o nas flores e nas aves, e nas refulgências do sol. E' êle que ao revelar a unidade moral da criação alarga o círculo do amor à sociedade. Nem só os homens são filhos de Deus. E pela extensão da bênção divina êle estende a fraternidade além dos homens. No episódio do irmão lobo, não há transigência pacífica com o inimigo ou conversão do ímpio, mas

não já só entre os miúdos, irreprimível e extenso pela grande camada dos que pensam... e sofrem.

..... A humanidade transviou-se do sentimento humano. A luta, à superfície, é a explosão toante das piores baixezas — a gula, a inveja, o despeito, a vaidade, a avara sede do ouro — num pântano fechado, na imensa noite da mesquinharia vil. Outra, prometeica, verdadeiramente grande, consome o pensamento, excita os corações: a re-incarnação do homem na espiritualidade a que, através os séculos e as filosofias, havia lentamente ascendido. Comparando a vitória que se arrasia estérilmente no aniquilamento, exausta, cangalheirante, depenada — a famosa vitória nos degládios sangrentos! — a uma scentilha da alma platónica, o triste desiludido mediu-lhes a disparidade e o alcance.

Na febre com que velhos e neo-idealismos o empurram, e enquanto matutas raposas doutrinárias e interesseiras o procuram atraír aos seus grémios, mal teve ainda tempo de refazer-se: mas garraram na sua alma os evangelhos da caridade, da humildade e do amor.....

uma extensão amorável da sociabilidade. E' a força de santidade e pelo exemplo da sua vida moral, e não por doutrinarismos de cátedra, que certas aspirações humanas de liberdade, consideradas até ali heresias e contrárias ao bem da Igreja, rompem o zêlo farisaico, varrem a intolerância sectária e fazem da Igreja o seio amigo e o refúgio consolador de todos os que sofrem e buscam alívio. A piedade de S. Francisco abre aos pequenos e aos humildes as portas da Igreja e concede a todos os homens direitos iguais perante Deus. O Evangelho cristão tornou-se a Bíblia da humanidade. Pela primeira vez os pobres, os miseráveis ouvem na moeda miúda da linguagem popular a palavra de Deus, que só tinha nos cunhos de ouro da língua erudita. Ela entra nos nos casebres, nos colmos, nas arribanas, e é tam musical e encantadora que até as aves do céu correm para a ouvir, as feras a entendem e as as árvores se quedam mudamente escutando. E' o regresso do Evangelho tam esquecido pelo racionalismo escolástico. A verdade não sai dos cenáculos dos doutores, mas das palavras de Cristo. Sem esquecer — rematava fr. Bruno — que êste naturalismo, longe de conduzir ao panteísmo negador de Deus e ao racionalismo inimigo da Igreja, não torna o homem livre senão para levar mais longe a esfera da adoração divina e para se dar com menos estôrvo ao amor dos seus semelhantes.

Grande Santo! Santo único!... — (*Manuel Ribeiro — O Deserto* — Romance — Livraria Editora Guimarães & C.ª, Lisboa: 1922).

Difícilmente conseguimos evocar a vida claustral. O misticismo ⁽¹⁾, se era como alâmpada de resignação bruxuleando escassa e doce na meia penumbra do silêncio e da reza, voejava ao dentro-de-alma como arroubo de tôdas as pequenices para o mar largo da fantasia e o céu límpido, vastíssimo, da contemplação ascética. Brandinho, o palpitante coração da mulher, que nunca as grades encarceraram inteiramente, arfava ainda na balsamina da primavera a uma rápida esgarçagem de saudade por aquela pesada tristeza, sempre morta e igual. Muito longe, quantas vezes..., um miléssimo de nada, o momento dum momento, que, indiferente e breve, enfeitiçou não-obstante a vida até o derradeiro suspiro, agita-se como uma flor ao espicaço do sol e vem querer diamantizar-se numa lágrima. A saudade, na pureza dos corações sentidos, não é, não, o pecado... talvez, sim, a amarga penitência do que nem mesmo se chegou a desejar. Mas assalta aquela recordação, um fumo e nada mais, pela hora tardia; e a alma inquieta-se, confrange-se... e vagueia, deixando-se embalar. Quási uma oração, a saudade... As

(1) «Ave que se apoia num ramo frágil e cheio de asperezas, nada tem o misticismo que atender às tristes condições da vida mundanal. Poisa na terra, diz *Cherville*, mas poisa para em breve soltar o vôo e confundir-se na própria substância divina que é a verdadeira representação de Deus. O seu desejo é desprender-se da terrena estância, e perder-se na eternidade dos mundos, na entelêquia universal, nessa idealidade incompreensível, que foi o sonho querido e doloroso da formosa constelação daqueles fulgentísimos espíritos, que começa em Ezequiel e acaba em Taulero e Mestre Eckart.

Desde o momento em que todas as forças dos sentimentos, confundidas numa só actividade, se afirmam pela identificação do Infinito, a vida é para o asceta o pronúncio, apenas, da grande alvorada, o cadinho em que a perfeição se há-de apurar, para ser oferecida, como oblação de fé, à homenagem do Supremo Deus. Falar a esses sonhadores extáticos das durezas do terreno trato é convidá-los a apertar mais os cilícios do seu martírio, porque ben-vindas são as mais estranhas provas, quando o prémio delas excede todas as dores. ? Compreende-se hoje este fervor de todas as crenças que se resumem em Deus? ? Mostra-nos o mundo positivo, em que vivemos, a idade de ferro, cheia de egoísmos brutais, que atravessamos, a possibilidade dessa fé? Não. O mundo antigo viu

horas — uma a uma —, os dias, os meses — que mal se distinguem, maiores ou mais pequenos na luz, engelhativos de frio ou crestados de calor —, os anos, que se contam sem espelho, bago a bago duma ironia do martírio, caem sem arruído na ampulheta baça. A devoção, o cilício, o côro... ? Será mesmo a entrada ali defendida ao tempo, que pertence às vãs preocupações do século? Dezoito anos ou oitenta? — tudo é velhice. Não ter mesmo na alma a mais ligeira impressão da vida — um sudário branco, o passado, uma mortalha branca, o futuro — ou acordar em sobressalto, com suores de agonia, a pele alfinetada de formigueiros ardências, sufocadamente, julgando-se ainda a mulher à roda da família, ou talvez nos braços perdidos pela morte... ou deslaçados pela perfidia, aqueles braços amantes e fatais, — tudo é o mesmo. *Pax huic domui*: a paz da morte na esperança do além-da-morte... Rezar, sofrer, carpir. Corta-se o sono para a oração e retalha-se a carne de castigo. Lágrimas de sangue, gotas de púrpura, flores. Há quem goze a vida, a formosura, a liberdade? torne-se mais aguado o jejum e aperte-se de austeridade a regra. Silêncio, recolhimento, parada tristeza... Na cruz de escarne e

esses prodígios; contemplou esses vultos extraordinários, que caminhavam a pé firme para o suplicio, entoando cânticos festivos e despedindo vistas de piedade sobre os seus próprios matadores. Era a loucura da Cruz? Seria: mas essa loucura que vivificou a Arte, que inspirou os poetas e deu nervo ao heroísmo puro, tem jus à nossa veneração. E' dos seus últimos reflexos que ainda hoje vivemos, porque ela era a força do espiritualismo cristão, da suprema dignificação da Dor e do Sofrimento.» — (*José Caldas — D. Frei Bartolomeu dos Mártires* (Profana verba) — Coimbra Editora — 1922).

*

... «Francisco de Assis, o nobilíssimo campeão das liberdades comunais, que por elas sofre e torna as armas, é o símbolo da inspiração ascética, o monge sobrehumano, para o qual, como pensava Joaquim de Flora, não ha outra riqueza no mundo senão a sua cítara: — *nihil reputat esse suum nisi citharam*. Entrou na clausura para sofrer, para amar, para as lágrimas: vai para a morte cantando — *mortem cantando suscepti*.

... O *Dies irae* — a maravilha mais assombrosa de todos os cantos da Igreja Romana — é obra de um dos companheiros de Assis. Toda a alma da Idade Média, com o seu terror místico e tenebroso,

de suplício, livoroso e chagado, alevantando o olhar ao céu em êxtase e em súplica, ouvindo como um chôro do vento, desfeito e esparso pelo mundo, os angustiosos lamentos da Mãe-Dolorosa, Cristo agoniza. As vozes soluçam no côro. E' uma vaga perdida no mar alto, bramindo pela noite infundável do sempre-o-mesmo inverno. Tem arrepios, estertores, queixumes. Alteia-se e hesita. Quási um grito e logo esmorece, descai, em harmonia e doçura, meigamente. Uma prece — em gorgeio. E êsse canto arrastado, gemido, lento e brando, acende-se como um outro círio de esperança pela sombra glacial, entre pedras e ferros, na sepultura da vida.

Diremos — a paz absoluta na resignação absoluta? Certo, não. Há o drama das almas recalcado na humildade, pobreza e castidade e há a vida de colmeia com seus fervilhos de agitação, confidências, amuos, a diferença dos temperamentos e das vocações. Religiosas, sim, mas também sempre — mulheres. O azougue dum noviza bastaria a cordelinhar a trama de uma alvo-roçada conspiração. A's vezes uma ordem crua da Regente, outras — bagatela — um suspiro misterioso à hora da reza, o alarido convulso da tosse no silêncio

repassa naqueles tercêtos trágicos, que tão poderosamente fizeram vibrar a alma de Goethe e de Mozart. Os poemas latinos de João de Fidenza, mais tarde Sam Boaventura, e bem mais gemidos de devoção do que hinos — *rather devout meditations than hymns* — como os define Samuel Duffield, traduzem aquele ascetismo inefável, cheio de encanto e de tortura, que constitui o alimento único das almas místicas. Quem não conhece o seu dulcíssimo:

*Christum Ducem
Qui per Crucem!*

ou ainda o seu contemplativo:

Recordare Sanctae Crucis!

em que tôda pulsa e vive a alma franciscana, isto é, a meditação de um monge diante do seu crucifixo!

O *Stabat Mater*, essa elegia da Dôr e do Martírio, é ainda um grito da alma franciscana, fundido como que numa sinfonia de lágrimas.

A renovação do

*Pange, lingua gloriosi
Praelium certaminis.*

da missa... Mãos que enfeitam um altar de rosas como se iluminassem de graça a rima de um soneto... Aquela macerada formosura, num corpo de indomável elegância, que os olhos enigmáticos, marinhos de tormenta, banham de um luar de paixão morta...

Ali, no Anjo, era a extrema pobreza na extrema simplicidade. Asilo de almas doloridas e conservatório de meninas a que as famílias queriam dar os apertados ensinamentos do viver cristão. Tinham os conventos jerarquias, grandezas, solenidades, que eram como janelas abertas sobre o mundo, a grade e a cerca por onde o bucolismo ensilvava a devoção mística. No Recolhimento, não. Velhas pedras, velhos musgos, corredores fúnebres. A clausura ficava acachapada entre o casario hostil. A' pobre capelita, de ordinário, vinha a rusticagem. Gemia a madeira, o vento gemia e pelas noites de chuva todo o esqueleto se desconjuntava em esgares.

As educandas tremeriam espavoridas, contando as horas, as horas eternas de purgatório, que faltavam ainda para a liberdade. Na avêmaria pediriam à «Boa Senhora, doce Mãe de todos os infortúnios», que lhes abreviasse o cativeiro. E carregando o coração no

de Venâncio Fortunato — o trovador da côrte de Radegunda — convertido no poema eucarístico:

*Pange, lingua gloriosi
Corporis mysterium*

é obra de Tomás de Aquino, o colossal filósofo, o primeiro teólogo da Ordem Dominica. Dêle é, igualmente, a formosa seqüência:

Lauda Sion Salvatorem

e o incomparável:

O' Esca Viatorum!

que anda, ainda agora, no hinário protestante, Norte-Americano, do dr. Ray Palmer, sob a divisa de

O' Bread to pilgrims given!

Se, durante a caliginosa noite medieval alguém canta, êsse alguém é, seguramente, um frade-menor, ou um prêgador-mínimo. São os menestrels da dôr mística, os poetas da celestial saudade, os líricos da loucura da Cruz. A influência da sua ternura repercute-se na própria prosa-rimada das canções líricas, nas cantilênas da Reforma, e nos poemas de amor.» — (José Caldas — *Cartas de um Vencido* — Aillaud e Bertrand, Lisboa: 1911).

peito, haviam de perguntar-lhe porque estava o louquito, assim, como se estivesse filtrando uma gota de sol, pois que era noite, e, longe, os ausentes esquecem, passam, morrem...

Eu oiço bem o rezar de uma comunidade. São as mesmas palavras ditas por muitas bôcas, em cabisbaixa melopeia. Mas em cada bôca o período de oração tem um ar diverso e próprio: a velhice que se abandona à morte e a que se aferra ainda, hesitante, ao rebôrdio do abismo... a pungência de um remorso que todos os dias se esquece e todos os dias se levanta a crucificar-nos... um desejo que vencemos e que nos tornou vítimas da illusória força... um amor apenas sonhado e que vive em nós puro, verdadeiro, firme, em mistério profundo... uma velhinha mãe que deixámos ao desamparo, neste egoísmo de nos querermos, a nós, na certeza da bem-aventurança futura... o tormento de noite, na cela, quando estupendamente se revela a inteira nudez do nosso ser... São as mesmas palavras. Mas nelas passa a revolta e a abnegação, o ódio e a bondade, a torpeza e o amor. Há o gemido da oração e o grito da oração. A oração que ajoelha e a oração que apunhala — e são as mesmas palavras.

.....*Hic quiescit.* O Recolhimento do Anjo não levantará dos mais jacobinos aquele «*mal de l'histoire*», que era, no dizer de *Petrucelli Della Gattina*, «*cent fois pire que le mal de mer.*» Foi um asilo triste de almas tristes.